



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

O CASTRO DE GUIFÕES (MATOSINHOS): DOS ESTUDOS DE MARTINS SARMENTO ÀS INVESTIGAÇÕES DA ACTUALIDADE.

CLETO, Joel e VARELA, José Manuel

Ano: 1999 | Número: 109a

Como citar este documento:

CLETO, Joel e VARELA, José Manuel, O Castro de Guifões (Matosinhos): dos estudos de Martins Sarmiento às investigações da actualidade. *Revista de Guimarães*, Volume especial - Actas do Congresso de Proto-História Europeia, 1999, p. 467-479.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O Castro de Guifões (Matosinhos): dos estudos de Martins Sarmiento às investigações da actualidade

Joel Cleto*

José Manuel Varela**

Revista de Guimarães, Volume Especial, II, Guimarães, 1999, pp. 467-479

Situado na margem esquerda do estuário do Rio Leça, numa elevação conhecida por *Monte Castelo*, na freguesia de Guifões (Matosinhos), o Castro de Guifões é uma das mais importantes estações arqueológicas para o período Idade do Ferro/Romanização existentes na área metropolitana do Porto. A presença de abundantes fragmentos cerâmicas à superfície despertou, desde muito cedo, a curiosidade popular e científica sobre este local. Desde finais do séc. XIX que sucessivas gerações de arqueólogos, como Leite de Vasconcelos, Martins Sarmiento, Rocha Peixoto e Carlos Alberto Ferreira de Almeida se debruçaram sobre este local.

No Verão de 1880, J. Leite de Vasconcelos, então a veranejar em Matosinhos, havia visitado o Castro de Guifões e recolhido algum material à superfície. A este propósito, troca correspondência com Martins Sarmiento que estudara, dois anos antes, esta mesma estação arqueológica (Sarmiento 1901: 35). Por essas cartas ficamos a saber que Sarmiento procedera a uma pequena escavação no cume, mas que, embora persuadido da grande importância do sítio, lutara com *uma difícil e densa vegetação*, pelo que *desanimei ao terceiro dia*. A correspondência enviada em 1880 por aquele

* Arqueólogo. Câmara Municipal de Matosinhos.

** Arqueólogo. Câmara Municipal de Matosinhos.

arqueólogo faz ainda referência a outros vestígios arqueológicos do concelho, nomeadamente às sepulturas escavadas na rocha de Montedouro (Perafita), a *fossettes* na Boa Nova, e ao barco de pedra de St^a Cruz do Bispo. De resto, os seus apontamentos pessoais, só revelados em 1970, demonstram que Martins Sarmiento se reteve demoradamente em Matosinhos em 1878, visitando e tomando notas de diversos vestígios arqueológicos (Sarmiento 1970).

Quanto a Leite de Vasconcelos, só em 1898 publicará um pequeno artigo no *Archeologo Português* onde dá conta dessa sua visita a Guifões. Escreve então: Pelo *que* elle (refere-se a Martins Sarmiento) e *eu encontramos, vê-se que ha em Guifões, como em muitos outros castros, vestígios de duas civilizações: uma prè-romana, outra romana* (Vasconcelos 1898).

Durante os 18 anos que mediaram entre a visita ao castro daqueles dois arqueólogos e a publicação desta notícia, Guifões continuou, contudo, a ser visitado por outros investigadores. De facto, em 1897 Belchior da Cruz noticiava que, entre os objectos encontrados recentemente no Museu Municipal da Figueira da Foz, se encontravam diversos fragmentos cerâmicas provenientes daquele castro (Cruz 1897). E, no ano seguinte, Leite de Vasconcelos revela duas cartas que José Fortes lhe enviara com diversas considerações decorrentes de visitas a Guifões.

Antes deles, porém, já em 1888 Rocha Peixoto, membro da Sociedade Carlos Ribeiro, se referia à necessidade de investigação no Castro de Guifões (Peixoto 1888). Na linha de pensamento e preocupação da referida sociedade vai surgir a revista *Portugália. Materiaes para o estudo do povo portuguez*, sucessora, de resto, daquele grupo científico. Tendo por director Ricardo Severo, a *Portugalia* vai possuir como Redactor em Chefe o mesmo Rocha Peixoto que, embora natural da Póvoa de Varzim, vivia em Matosinhos onde, aliás, viria a falecer prematuramente a 2 de Maio de 1909 (Gonçalves 1966, Cleto 1990a).

Nas páginas da *Portugália* aquele investigador publicará inúmeras referências arqueológicas sobre o concelho, das quais podemos destacar um estudo sobre mós manuais encontradas no castro de Guifões (Peixoto 1903), um outro sobre a ocorrência de “prisões” de gado no mesmo castro (1905), um sobre sepulturas abertas

na rocha em Perafita e Sta Cruz do Bispo (1906), e sobre a estátua do Homem da Maça desta mesma freguesia (1908). Entretanto, e ao longo desses anos, alimenta com Leite de Vasconcelos uma acérrima e violentíssima polémica, servindo-se um e outro das páginas da *Portugália* e do *Archeologo Portugues* para esse fim. Diversas referências ao concelho e aos seus monumentos são utilizadas nesta polémica.

Simultaneamente, Rocha Peixoto era também director do Museu Municipal do Porto, onde se encontravam materiais do castro de Guifões (Peixoto 1902). A origem daquele espólio estava nas “explorações” que aí efectuaram José Fortes e Rocha Peixoto por incumbência do Gabinete de Geologia da Academia Polytechnica do Porto (Peixoto 1907: 492). Infelizmente, destas suas intervenções ficaram inéditas as observações e conclusões.

Nas três primeiras décadas do séc. XX a investigação limitar-se-á praticamente, às escavações em Guifões de Mendes Corrêa, do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, sobre as quais no entanto o autor deixa pouca coisa escrita (Correa 1916). Não deixou, no entanto, de se referir a este castro, ainda que de uma forma breve, nalgumas das suas obras de síntese mais importantes e conhecidas, nomeadamente em *Os Povos Primitivos da Lusitânia*, de 1924, em *As origens da cidade do Porto*, de 1935, e no capítulo de sua autoria sobre a Lusitânia Pré-Romana na famosa *História de Portugal (de Barcelos)* dirigida por Damião Peres.

Ruy de Serpa Pinto, uma das maiores promessas da Arqueologia portuguesa da primeira metade do século, casado com uma matosinhense e infelizmente desaparecido muito jovem, acompanhou Mendes Corrêa nessas pesquisas em Guifões. Delas, contudo, não nos deixou referências cuidadas e de grande rigor científico como era sua característica e teve oportunidade de fazer em relação a outras estações arqueológicas que visitara e estudara. No caso de Guifões, a sua trágica morte impediu-o de se debruçar de forma mais aprofundada sobre este castro. Deixou-nos, apesar de tudo, algumas úteis observações num artigo publicado na revista *O Tripeiro* (Pinto 1927).

De resto, os materiais provenientes do castro de Guifões que hoje se encontram no Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, agora designado

Instituto Mendes Corrêa, são provenientes das escavações aí realizadas por aquele investigador e por Ruy de Serpa Pinto.

Nos finais dos anos 40 Russel Cortez fará também algumas visitas ao castro de Guifões, onde recolhe diversos vasos cerâmicas. A este castro, de resto, se vão referindo outros autores (por exemplo Cardoso 1948).

A década de 50 caracterizar-se-ia, ainda, pelo início dos trabalhos de Joaquim Neves dos Santos no Castro de Guifões. A este estudioso local, autor de diversas intervenções arqueológicas naquele povoado, se devem os melhores trabalhos publicados até hoje sobre o referido castro. Desde logo o primeiro volume de *Guifões. Notas Arqueológicas, Históricas e Etnográficas*, editado em 1955, todo ele consagrado ao *Castrum Quiffiones* e onde é apresentado algum do espólio por ele exumado nas suas escavações em Guifões.

Entre 1959 e 1963 Joaquim Neves dos Santos produz uma série de artigos e de comunicações aos Colóquios Portuenses de Arqueologia, sobre diversos temas relacionados com aquela estação arqueológica. É o caso de trabalhos sobre um altar com covinhas (Santos 1962a), sobre marcas “dedadas” em telhas romanas (1962b), sobre figurações serpentiformes e suásticas (1963a), ou sobre coberturas vitrificadas em louça doméstica (1963b).

A este investigador se devem ainda trabalhos sobre outros vestígios arqueológicos do concelho. Neste contexto é de salientar uma obra muito esquecida e que, no entanto, é para a época uma exemplar Carta Arqueológica do Concelho: *A Torre de Linhares na Época Romana*, publicado em 1959.

Joaquim Neves dos Santos, pequeno industrial de Guifões, aliou a um grande gosto pelo passado e pela sua terra, um conhecimento exímio do território concelhio e da bibliografia até então publicada. Tais factores permitiram-lhe proceder, de facto, a um levantamento muito exaustivo dos vestígios arqueológicos existentes em Matosinhos. E se hoje muitas das suas interpretações estão ultrapassadas -mercê do desenvolvimento da própria ciência- se a sua técnica de escavação e registo deixava algo a desejar, e se alguns dos indícios, nomeadamente toponímicos, por ele registados não corresponderão de facto a estruturas arqueológicas, também não deixa de ser

verdade que hoje só temos acesso a alguns vestígios do passado matosinhense pelo que ele nos deixou descrito, uma vez que, devorados pelo crescimento urbano, desapareceram ao longo das últimas duas décadas.

Em 1969 Carlos Alberto Ferreira de Almeida publica um trabalho ainda hoje fundamental para qualquer estudo sobre o domínio romano nesta região -*Romanização das Terras da Maia*. Em 1975, de colaboração com Carlos Alberto Ferreira de Almeida, Joaquim Neves dos Santos produziu o seu último trabalho de arqueologia, sobre cerâmica romana tardia encontrada em Guifões (Almeida e Santos 1975). Nos anos 80, as investigações limitaram-se quase só a algumas recolhas de materiais de superfície efectuadas pelo Instituto de Arqueologia da Universidade Portucalense.

Vai ser, no entanto, durante a década de 70 que se vão dar algumas transformações dramáticas no Monte Castelo e na sua área envolvente. A acrópole do castro é quase toda arrasada para a construção de um campo de tiro e, ao mesmo tempo, o crescimento da urbanização, quase todo de forma clandestina, começa a invadir a área do castro. Apesar de classificado como imóvel de interesse público desde 1971¹ só em 1990 é que foi publicada a regulamentação da sua área de protecção².

A intervenção do Gabinete Municipal de Arqueologia e História de Matosinhos

Os anos 90, no contexto das novas preocupações e reforço do Poder Local, fizeram emergir uma nova realidade no panorama da arqueologia nacional, o interesse e envolvimento crescente das Autarquias na preservação, valorização e estudo do seu património. A multiplicação dos Gabinetes Municipais de Arqueologia (estruturas que já haviam começado a fazer a sua aparição na década anterior), a atenção dada à arqueologia nos Planos Directores Municipais, a crescente contratação de arqueólogos, o lançamento de revistas da especialidade com incidência concelhia e/ou regional, vêm constituindo uma das linhas de força dos últimos anos, definindo como nova tendência um papel cada vez mais interveniente e protagonista das Câmaras Municipais na

¹ Decreto-Lei 516/71 de 22 de Novembro.

² Portaria 530/90 de 10 de Julho.

prossecação da investigação arqueológica nacional. Também a Câmara Municipal de Matosinhos se enquadra neste panorama. Nos últimos anos registe-se, entre outras, as seguintes acções desenvolvidas pelos respectivos serviços: a limpeza e investigação da necrópole de sepulturas medievais escavadas na rocha de Montedouro, Perafita, em 1990, as intervenções no conjunto de tanques romanos de Angeiras, em 1991-92, um esboço de Carta Arqueológica do Concelho integrado no Plano Director Municipal e, mais recentemente, o (re)início de escavações no castro de Guifões (Cleto 1993).

O empenho demonstrado pela Autarquia matosinhense na implementação de uma política de valorização, investigação e protecção do património arqueológico, foi reforçado em 1993 e 1999 pelo seu envolvimento, em conjunto com o Instituto de Emprego e Formação Profissional, na realização de um curso de formação de técnicos auxiliares de Património e Arqueologia. Tal curso vem permitindo, simultaneamente, a realização de diversas acções concretas de investigação arqueológica, nomeadamente no Castro de Guifões.

Entretanto, já em 1994, procurando reforçar esta sua frente de trabalho, a Autarquia destinou ao Gabinete Municipal de Arqueologia uma área significativa do Centro Municipal Joaquim Neves dos Santos. Espaços para exposições, laboratórios, gabinetes e reservas, vêm permitir a prossecação de um trabalho mais sistemático sobre a arqueologia do concelho e, simultaneamente, a “devolução” dessa importante fatia da memória colectiva à comunidade. Neste contexto é de salientar que 1994 fica assinalado, também, pela doação feita à Câmara Municipal de Matosinhos do espólio arqueológico recolhido por Joaquim Neves dos Santos, pelos seus descendentes.

Procurando travar a degradação a que vinha sendo sujeito o castro, e consciente da suas responsabilidades na defesa e promoção do Património e da Memória Colectiva do concelho, a Câmara Municipal de Matosinhos avançou, desde 1993, através do Gabinete Municipal de Arqueologia e História, com um projecto de valorização científica, pedagógica e ambiental do património arqueológico e natural do Monte Castelo. Uma diversificada série de acções tem, desde então, sido desenvolvida. Entre elas não podemos deixar de referir o tratamento do espólio de Joaquim Neves dos Santos, o estudo científico do património natural do Monte Castelo, a exploração das

potencialidades pedagógicas daquela elevação, e, obviamente, a realização de campanhas de intervenção arqueológica, nomeadamente de limpeza e conservação em áreas danificadas de uma forma significativa, num passado recente, por “caçadores-de-tesouros”. Esta intervenção incidiu sobre uma área com uma estratigrafia bastante revolvida, tendo sido recolhido espólio arqueológico de uma época tardia da romanização (séc. IV e V d.C.).

As transformações que foram realizadas durante a década de 70 no topo do monte, onde se situariam os vestígios arqueológicos mais antigos impedem-nos de ter uma sequência estratigráfica completa da ocupação humana deste local. No entanto, os materiais recolhidos por Joaquim Neves dos Santos, nomeadamente diversas cerâmicas de fabrico manual, algumas com decoração estampilhada, uma pedra com uma suástica³ gravada ou mesmo alguns cossiros, apontam-nos para que a ocupação mais antiga deste local remonte a uma fase inicial da Idade do Ferro ou mesmo ao Bronze Final, conforme parecem indiciar alguns pequenos fragmentos de cerâmicas manuais lisas e polidas⁴. Também os registos realizados por Joaquim Neves dos Santos de diversas estruturas, que actualmente já não são visíveis, apontam para a existência de diversas construções de planta circular, algumas das quais são, numa fase posterior cobertas por construções de planta rectangular⁵, o que parece indicar uma vasta remodelação urbanística durante o Baixo Império.

A importância arqueológica do Castro de Guifões deve-se, em grande parte, à sua própria localização geográfica junto ao estuário do Rio Leça. Apesar da sua configuração ter sido actual ter sido profundamente alterada com a construção do Porto de Leixões, sabemos que o Rio Leça na antiguidade era navegável até uma grande distância para montante, mais precisamente até ao local onde fica situado o Monte Castelo⁶. A pouca distância fica também um local que ostenta o significativo topónimo de

³ Joaquim Neves dos Santos interpreta-a como uma representação de serpentes geminadas em forma de suástica (V. SANTOS 1963a).

⁴ Esta cronologia não é completamente segura uma vez que estes fragmentos foram recolhidos em áreas de terras revolvidas.

⁵ V. SANTOS 1955 e SANTOS 1995.

⁶ Fr. Manoel da Esperança escreve, em 1666 na *História Seráfica da Ordem dos Frades Menores da Ordem de S. Francisco, que no Rio Leça navegavase nos tempos dos nossos antepassados da sua foz até a Ponte de Guifões, que nos fica mais assima: mas como esta passagem devassava o nosso recolhimento, a proibirão os*

Porto Mouro. A grande quantidade de espólio arqueológico de origem mediterrânica (cerâmicas de importação, vidros,...) demonstra-nos que o Castro de Guifões funcionou, pelo menos desde época romana, e talvez desde épocas mais recuadas, como um importante porto de comércio fluvial e marítimo. Por outro lado o Rio Leça seria também uma via de penetração para o interior em direcção a diversos povoados importantes situados na sua bacia hidrográfica como o Castro de Monte Padrão (Santo Tirso) e a Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira). Este último situa-se próximo da nascente do Rio Leça e o tempo que demora a percorrer a pé a distância até ao Castro de Guifões, pelo vale do Leça, é de cerca de um dia.

Na sequência das intervenções arqueológicas que realizou no castro de Guifões durante os anos 60, Joaquim Neves dos Santos recolheu um vasto e significativo espólio. Fundamental para a compreensão desta estação arqueológica e para o conhecimento do passado mais remoto de Matosinhos, apesar de se encontrar descontextualizado, aquele acervo foi então recolhido em sua casa para estudo. Era objectivo daquele investigador a posterior criação de um museu arqueológico que salvaguardasse este material. Contudo, diversas vicissitudes impediram a concretização do seu sonho, nomeadamente a sua morte em 1979. Desde então aquele valioso espólio esteve recolhido e esquecido na sua antiga residência e à guarda da sua família. Conscientes, no entanto, da importância e significado da coleção, da utilidade de a divulgar junto dos investigadores, e da necessidade de a “devolver” à população (afinal era esse o objectivo de Joaquim Neves dos Santos), os seus descendentes, constatando o empenho que a Autarquia matosinhense vem demonstrando no estudo e divulgação do património arqueológico concelhio, decidiram doar, em Novembro de 1994, o referido espólio à Câmara Municipal de Matosinhos, na condição da sua salvaguarda e da sua óbvia associação ao nome daquele investigador. Do espólio fazem parte milhares de fragmentos cerâmicas e de vidro, de diversas apologias e cronologias, objectos metálicos, e uma vasta colecção de objectos pétreos.

Reis. Ficou depois impedida com o assude das azenhas, que se fizerão abaixo (cit. por FELGUEIRAS 1958, p. 751).

Procurando responder de imediato a esta doação, a Câmara Municipal disponibilizou, para depósito deste importante acervo patrimonial, parte do edifício municipal situado na Rua Conde Alto Mearim, 385, onde, de resto, ficou igualmente instalado o Gabinete Municipal de Arqueologia e História. Deste modo se asseguraram as condições para os necessários trabalhos de registo, limpeza e restauro a que o espólio vem sendo sujeito, bem assim como a sua abertura aos investigadores.

Esta zona, embora fundamentalmente vocacionada para o estudo e salvaguarda do património arqueológico, apresenta uma série de características que a habilitam a assumir outras funções de igual importância no âmbito do estudo, conservação, divulgação e usufruto do património ambientam. No contexto das intervenções previstas para a zona, foi efectuado um levantamento faunístico, ponto de partida para um estudo mais aprofundado dos biótopos locais que, embora marcados de forma indelével pela actividade humana -e por isso bastante degradados- apresentam ainda aspectos interessantes, servindo de suporte à existência de um grande número de espécies, algumas delas raras ou de assinalar pelo facto de a sua presença constituir uma agradável surpresa num local tão pressionado pelas áreas urbanas envolventes. Este estudo, que teve início em 1994 e vem-se prolongando até ao presente (Fortuna 1995/96 -60-62; Cleto e Fortuna 1996), demonstrou que não obstante a proximidade de densos núcleos habitacionais e do poluído rio Leça, o Monte Castelo acolhe uma surpreendente diversidade faunística⁷.

Procurando valorizar o património cultural e natural do Monte Castelo e, simultaneamente, explorar a vasta potencialidade pedagógica do mesmo, foi desenvolvido o projecto “Animação e valorização pedagógica do Monte Castelo”, que viria a ser financiado com fundos comunitários através do ProNorte. Este projecto, que consistiu na criação de trilhos pedestres no local, ao longo dos quais o visitante depara com alguns painéis explicativos e outras infra-estruturas de apoio. Desdobráveis e outros materiais de divulgação e apoio foram também editados.

⁷ Este estudo tem vindo a ser desenvolvido pelo Dr. Jorge Fortuna, Ecólogo e colaborador do Gabinete Municipal de Arqueologia e História da Câmara Municipal de Matosinhos.



O trabalho científico no Castro Guifões está ainda a dar os primeiros passos, uma vez que o esforço tem sido concentrado em travar o processo de destruição deste local e em salvar os vestígios arqueológicos existentes. No entanto, a ampliação da área escavada deverá certamente vir a revelar uma importante estação arqueológica para o conhecimento da proto-história e romanização desta região.



1. Vista panorâmica do Castro de Guifões, junto ao Rio Leça.



2. Pedra com suástica gravada, encontrada por Joaquim Neves dos Santos na parede de uma casa.



3. Cerâmica manual com decoração impressa.



4. Cerâmica manual com decoração impressa.



5. Cerâmica manual com decoração incisa.



6. Cossoiro com decoração puncionada.



7. Machados em pedra polida.

Bibliografia

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de e SANTOS, Joaquim Neves dos - (1975) Cerâmica romana tardia de Guifões, *Archeologica Opuscula*, 1, Porto, pp 49-56.
- AZEVEDO, Pedro - (1898) “Guifões” in Extractos Archeologicos das Memórias Paroquiais de 1758, *O Archeologo Português*, vol. IV, Lisboa, pág. 320.
- CARDOZO, Mário - (1948) *A Citânia e Sabroso*, 3ª edição, Guimarães, Sociedade Martins Sarmiento, pág. 43.
- CLETO, Joel - (1990) Rocha Peixoto: breves notas biográficas e arqueológicas, *O Tripeiro*, 7ª série, vol. IX (8), Porto, pp 239-244.
- (1992) Matosinhos: Perspectivas arqueológicas sobre 10 000 anos de ocupação humana, *O Tripeiro*, 7ª série, vol. XI (fasc. 5), Porto, pp 152-158.

- (1993) Castro de Guifões: a primeira “cidade” de Matosinhos, *Matosinhos Revista*, nº 4, Matosinhos, Câmara Municipal, pp 38-44.
- (1995) Arqueologia matosinhense: notas histórico-bibliográficas, *Matesinus: Revista de Arqueologia, História e Património de Matosinhos*, Matosinhos, Câmara Municipal, pp 11-19.
- CLETO, Joel e FORTUNA, Jorge - (1996) Monte Castelo. Um tesouro escondido do património histórico-natural de Matosinhos. *Matosinhos: Revista Municipal*, 14. Matosinhos: Câmara Municipal, 1996, p.42-46.
- CORRÊA, Antônio Augusto Mendes - (1916) Sobre alguns objectos proto-históricos e lusitano-romanos especialmente de Alpiarça e Silvã, *O Archeólogo Português*, vol. XXI, pág. 336.
- (1924) *Os povos primitivos da Lusitânia*, Porto.
- (1935) *As origens da cidade do Porto*, 2ª edição, Porto.
- CRUZ, Belchior da - (1897) Objectos entrados ultimamente no Museu Municipal da Figueira da Foz, *O Archeólogo Português*, vol. III, Lisboa pág. 300.
- FELGUEIRAS, Guilherme - (1958) *Monografia de Matosinhos*, Lisboa.
- FORTES, José - (1905) As fíbulas do noroeste da Península, Portugalia, tomo II (fasc. I), pp 15-33.
- FORTUNA, Jorge - Contributo para o estudo do Património Natural do Monte Castelo (Guifões). Notas sobre um levantamento faunístico. *Matesuinus: Revista de Arqueologia, História e Património de Matosinhos*, nº1/2. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, 1995/6, p.60-62.
- GONÇALVES, Flávio - (1966) *Rocha Peixoto: depoimentos e manuscritos*, Matosinhos, Câmara Municipal.
- Museu Nacional de Soares dos Reis - (1952ª) Mós manuais de Guifões, Catálogo-Guia do Museu Nacional de Soares dos Reis, 2ª edição, Porto, pág. 5.
- (1953b) Arca sepulcral de Guifões Catálogo-Guia do Museu Nacional de Soares dos Reis, 2ª edição, Porto, pág. 19.
- PEIXOTO, Rocha - (1888) *O Museu Municipal do Porto*, Porto, Sociedade Carlos Ribeiro.
- (1902) *Guia do Museu Municipal do Porto*, Porto.

- (1903) Do emprego ainda recente d'uma mó manual, *Portugália*, I (4), Porto pp 828-931.
- (1905) “Prisões” de gado, *Portugália*, II (1), Porto, pp. 78-79.
- (1906) Sepulturas abertas em rocha, *Portugália*, II (2), Porto, pp 287-288.
- (1908) O Homem da Maça, *Portugália*, II (4), Porto, 492g-492h.
- PINTO, Ruy de Serpa - (1927) Introdução à arqueologia portugalense, *O Tripeiro*, 3^a série, ano 2^o, nº 26 (146), Porto, pp 24-24.
- SANTOS, Joaquim Neves dos - (1955) *Guifões. Notas arqueológicas, históricas e etnográficas*, vol. I, (*Castrum Quifionnes*), Matosinhos, Ed. do autor.
- (1959) *A Torre de Linhares na época romana*, Matosinhos, Ed. do autor.
- (1962a) Altar com covinhas no castro de Guifões, *Studium Generale*, 9 (1), Porto, pp 230-282.
- (1963a) Serpentes geminadas em suástica e figurações serpentiformes do castro de Guifões, *Lucerna*, 3, Porto, pp 136-156.
- (1963b) Coberturas vitrificadas em louça doméstica do castro de Guifões, *Lucerna*, 3, Porto, pp 157-166.
- (1995) Sobre uma sítula do Castro de Guifões, *Matesinus*, 1/2, Matosinhos, Câmara Municipal, pp 20-22.
- SARMENTO, Francisco Martins - (1901) Extractos da correspondência enviada por F. Martins Sarmento a Leite de Vasconcelos, *O Arqueólogo Português*, Vol. VI, Lisboa, Museu Etnológico Português, pp. 3238.
- (1953) Correspondência entre Martins Sarmento e o Abade de Miragaia, Pedro Augusto Ferreira, *Revista de Guimarães*, vol. LXIII (3-4), pág. 275.
- (1970) Antiqua, *Revista de Guimarães*, vol. LXXX, Guimarães, pp 38-48.
- VASCONCELOS, J. Leite de - (1898) O “Castêlo” de Guifões, *O Archeólogo Português*, vol. VI, Lisboa, Museu Etnológico Português, pp 270-272.
- (1958) *Cartas de Leite Vasconcelos a Martins Sarmento (Arqueologia e Etnografia), 1879/1899*, Anotações de Mário Cardozo, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento.